

LÚCIO BÖING

**DIÁLOGO COM AS BENZEDEIRAS DO MUNICÍPIO DE IVAIPORÃ E
REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca do Curso de Especialização em
Educação do Campo da Universidade Federal
do Paraná. Como requisito parcial para
obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: Ângela Massumi Katuta.

MATINHOS
2011

DIÁLOGO COM AS BENZEDEIRAS DO MUNICÍPIO DE IVAIPORÃ E REGIÃO

Lúcio Böing¹

Ângela Massumi Katuta²

RESUMO

E inegável a presença das benzeduras e benzeadeiras do dia a dia do povo brasileiro. Estas, ao mesmo tempo em que são valorizadas são desqualificadas. A cultura popular busca nelas a saída para seus males, já a cultura erudita, “científica”, moderna, as desqualifica. A questão que se coloca como ponto de partida é a origem dessa prática. A literatura indica que ela tem matriz indígena, africana e européia, isto é, as várias matrizes constituintes do povo e da cultura brasileira, além disso, importa saber como essa prática se desenvolveu no Brasil. Apresentarei portanto alguns elementos históricos sobre a presença desses sujeitos na história do Brasil, alguns dados sobre sua representação social no município de Ivaiporã e alguns depoimentos de benzeadeiras e benzedores da região.

Palavras-chave: Educação do Campo – História – Benzeadeiras e Benzeduras

1. CONTEXTO

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (UFPR Litoral) e CEEBJA- Centro de Educação Básica de Jovens e Adultos. E-mail: lucioboing@hotmail.com

² Geógrafa, Mestre e Doutora em Geografia. Educadora Orientadora do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, UFPR Litoral. E-mail: angela.katuta@gmail.com

Sabe-se que as benzedeadas sempre existiram em nossa história brasileira. Discutir sobre os mais variados sujeitos históricos com finalidade de estabelecer um diálogo, entre esses, com sua história de modo a compreendê-los é uma tarefa da História.

Pois bem, a partir da observação da presença das benzedeadas, e da constatação da sua importância no contexto da cultura popular senti a necessidade de buscar respostas para algumas questões que surgem a respeito.

Quando se toca no assunto das benzedeadas é visível o temor nas pessoas em assumir uma posição em relação às mesmas e suas benzeduras. Isso possivelmente acontece devido à forte repressão histórica do cristianismo a essa prática. Contudo, é inegável a presença das benzeduras e benzedeadas do dia a dia do povo brasileiro. Estas, ao mesmo tempo em que são valorizadas são desqualificadas. A cultura popular busca nelas a saída para seus males, já a cultura erudita, “científica”, moderna, as desqualifica.

Por isso este estudo tem a intenção de fazer diálogo entre os sujeitos que desenvolvem a prática do benzimento com a história e a realidade atual.

Assim a busca na história brasileira da presença das benzedeadas e benzedeados e o debate entre os fundamentos desta prática com a cultura atual, globalizada e tecnológica, os relatos de benzedeadas e as entrevistas com educandos e educadores do projovent campo e do Ceebja - Ivaiporã na região de Ivaiporã pode ser uma forma de contribuir para desmistificar esta realidade e, auxiliar que o espaço social ocupado por essa personagem seja reconhecido e valorizado.

A questão que se coloca como ponto de partida é a origem dessa prática. A literatura indica que ela tem matriz indígena, africana e européia, isto é, os povos e culturas a partir dos quais se foi compondo o povo e a cultura brasileira. Vale ressaltar que a relação entre essas culturas foi uma relação de conflito e muitas vezes de confronto.

Procuramos verificar também em relação às benzedeadas, como acontece a aprendizagem do benzimento e como elas se sentem desenvolvendo esse tipo de atividade e ainda que técnicas sejam usadas.

Este trabalho não se arroga em esgotar o tema, e sim, simplesmente, esclarecer algumas questões sobre as origens dessa prática tão presente e ao mesmo tempo tão escondida em nosso meio. Apresentarei alguns dados históricos sobre a presença desses sujeitos na história do Brasil, alguns elementos sobre sua representação social no município de Ivaiporã e alguns depoimentos de benzedeadas e benzedores da região.

Uma primeira questão a ser colocada é a proposta pedagógica do projoventem que apresenta uma nova visão metodológica e outra visão de conhecimento, que quer superar a proposta de uma escola criada e pensada para o mundo da fábrica, da cidade, do capital.

O projoventem tem uma concepção de ensino e aprendizagem que contempla os sujeitos do campo, sua cultura, seu trabalho, sua diversidade e seus saberes. Uma educação que procura estabelecer um diálogo entre o conhecimento que nasce da terra e o conhecimento científico ou acadêmico. Compreende o conhecimento como aquele que serve a sobrevivência humana, portanto, os saberes tradicionais da vida do camponês estariam no mesmo patamar dos saberes acadêmicos. A diferença está colocada no âmbito dos interesses, onde aqueles do capital se sobrepõem.

O projoventem tem a sua proposta de formação construída a partir da luta dos movimentos populares que se organizaram com base nas suas necessidades e na sua valorização como sujeitos sociais que possuem a sua cultura.

Outra questão basilar para esse estudo é a mudança ocorrida na historiografia a partir da década de 70 quando novos problemas, novos objetos passaram a desafiar o historiador, outros personagens entram em cena e os chamados sujeitos ocultos e os temas esquecidos passaram a fazer parte do campo da história.

O conceito de cultura, a partir dos movimentos de esquerda, adquire um significado que passa a incorporar qualquer ação ou criação humana realizada no tempo e no espaço em busca da satisfação de suas necessidades.

O objeto de estudo desta pesquisa situa-se nesse contexto de uma educação do campo que tem como característica a valorização dos saberes populares construídos a partir de práticas milenares.

E é no contexto da cultura popular que as benzedeadas e benzeduras se encontram. Nos saberes tradicionais de cura e de crenças que foram se construindo a partir da necessidade humana de resolver o problema das doenças, sejam elas em humanos, em animais ou plantas. As benzedeadas sempre foram essas pessoas ligadas a uma comunidade humana que desempenhavam a função da cura, seja nas comunidades indígenas, africanas ou européias que compuseram a nação brasileira.

2. FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA

A medicina popular no Brasil é compreendida como um conjunto de saberes e práticas constituídas a partir de influências indígenas, africanas e portuguesas. Por isso é preciso inicialmente compreender o processo de colonização do Brasil.

Este se deu a partir do ambiente da Contra reforma que tinha em Portugal e Espanha seus baluartes. Devido à instituição do padroado, o catolicismo português manteve sua herança medieval distante e à margem da ação conciliar tridentina. Por isso, o sistema que vingou até meados do século XIX no Brasil chamava-se Cristandade ou a união entre a fé cristã católica e a sociedade civil representada pela nação portuguesa. Um catolicismo leigo e despojado de um rigor teológico. A direção e a organização das associações religiosas e manifestações de culto eram organizadas por leigos, nas confrarias e nas irmandades com frágil intervenção clerical.

A Coroa portuguesa e a Igreja católica uniram suas forças contra qualquer tipo de iniciativa científica. Portugal impediu os avanços de pesquisas científicas na área da medicina, permanecendo estagnado no tempo e carente de médicos. E pior que isso, “Carente de profissionais, desprovido de cirurgiões, pobre em boticas e boticários, Portugal naufragava em obscurantismo, e levava a colônia junto.” PRIORE, 2009 (p. 80).

A partir disso, é fácil concluir que aqui no Brasil colônia eram poucos os médicos e os que havia, eram de formação deficiente permanecendo imensos espaços do território da colônia sem qualquer assistência médica.

Ao final do século XVIII afirmava Dom Frei Caetano Brandão, Bispo do Pará, que na Colônia “[...] é melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observava com mais desembaraçado instinto, do que como médico de Lisboa.” PRIORE, 2009 (p. 88).

Na falta de médicos a população foi construindo conhecimentos para tratar dos males que a afligia. As benzedeadas (os) e curandeadas (os) com suas orações e ervas promoviam a cura. E foram surgindo esses médicos dos pobres que recebiam o respeito e a estima do povo, tanto do campo como nos centros urbanos que muitas vezes se constituíam em importantes lideranças comunitárias.

A concepção científica e religiosa que se tinha na colônia indicava que as doenças eram consequência dos pecados cometidos pela pessoa. Acreditava-se na origem sobrenatural das doenças.

Como se acreditava que a origem da doença era sobrenatural seria necessário a invocação do sobrenatural para a cura. O que justifica a busca da cura por meio de orações e rituais para expurgar o mal.

Considerando que as práticas de cura foram sendo construídas a partir das necessidades das comunidades e que o povo brasileiro foi sendo construído a partir dos povos indígenas, africanos e portugueses é fácil de se concluir que as práticas de cura também tenham sido construídas a partir das experiências desses povos. A prática do Pajé da cultura indígena e seu conhecimento sobre as ervas que curam,

aquela dos rituais africanos de incorporação e do uso de amuletos e as de tradição européia. É da mistura das práticas dessas três culturas que foram sendo construídas práticas sincréticas das benzedeadas que perpassaram a história do Brasil cumprindo uma função social de médico dos pobres.

O saber da benzedura foi relevante e se manteve em nossa história, chegando até nossos dias com muita força. E é surpreendente perceber que ainda hoje, por maior avanço que a medicina apresente, ainda haja muita benzedeadas, e estas existem porque a crença em suas curas permanece viva, e são muito procuradas por seus serviços.

3. CONSIDERAÇÕES

Nesse trabalho foram realizadas entrevistas com um número grande de educadores e educandos, do Projovem Campo saberes da Terra e outros do CEEBJA- Ivaiporã. Nas falas desses sujeitos se evidencia a presença da cura e das crenças, da força mística e do conhecimento popular, da condição de benzedor e de curador. Os dados demonstram que há uma equivalência entre os que têm fé (acreditam) e os que declaram não acreditar no trabalho das benzedeadas(os). E isso se observa tanto entre educadores tanto entre os educandos.

Do grupo dos educadores a grande maioria é católica e uma das entrevistadas que não é católica declara em sua entrevista que “acredito no que a Bíblia ensina e creio que ninguém tem o poder de curar”. Essa declaração parece carregar a idéia de que as religiões “crentes” (protestantes) não permitem que visitem as benzedeadas. E ainda do grupo de educadores que afirmam não acreditar, quando são indagados sobre, já terem buscado os serviços de uma (um) benzedead(a) é quase unânime a resposta afirmativa de que, se não foram sozinhos, foram levados quando ainda pequenos.

Entre os educandos, parcela da população que apresenta menor nível de escolarização, em sua maioria é católico também há uma coincidência de dados e

respostas, sendo que 50% declaram acreditar e buscar essa alternativa de cura quando precisam e outra metade não acredita no serviço de cura da bezendeira, porém, também quase todos já estiveram na presença de uma, seja por vontade própria ou levada pela família quando crianças. Nas falas desses educandos é relevante que os que estão mais próximos às igrejas tendem a não acreditar “quem acredita em Deus jamais vai atrás dessas coisas” essa fala se repete. Outra pessoa ainda declara “eu mesma, crendo no poder curativo de Jesus posso benzer a mim e a meus filhos. Sem precisar recorrer a essas pessoas, muitas vezes ignorantes. Pessoas que mal tem conhecimento da palavra Deus”. Essa pessoa apresenta-se como confiante no benzimento, mas não crê no outro. Outro entrevistado traz a seguinte fala “em minha opinião as pessoas que tem maus espíritos vai neles, e vêem tudo que passa na sua vida”, demonstrando que mesmo que não sejam frequentadores acreditam da ação do benzimento.

O quadro a seguir sintetiza a resposta dos entrevistados que comentaremos na seqüência.

	Origem	Idade	Escola	Religião	Devoção	Início quando?	Aprendeu como?	A dependência
B.1	Jacarezinho	61 anos	5ª série	Cat.	Nossa Senhora Aparecida	Quando seu 1º filho tinha 2 ano	Sentiu uma força	De... faz a c...
B.2	Montes Claros	+ ou – 95 anos	Não estudou	Cat.	Bom Jesus; nossa senhora de Fátima, Santa Bárbara...	“Nasceu marcada por Deus”... Aos 7 anos já ensinava remédios	É dom de Deus não dá prá aprender.	Depen... da pe... que querer
B.3	Ivaiporã	47 anos	3ª série	Cat.	Jesus, N.	Escolhida	Padre	a Depen

					Senhora Aparecida, S.Jorge, S. João Maria	por Deus...	ajudou...	da fé duas p
B.4	Presidente Prudente	73 anos	3ª série	Cat.	Menino Jesus de Praga, Nossa senhora Aparecida, Anjo da guarda	Aos anos	12 Era leprosa pedi proteç. de Nossa Senhora,ela veio, ensina cura e pede que fizesse a vez dela".	importa é a f benze
B.5	Uberaba	80 anos	Não estudou	Cat.Partic. Cent. Esp.	Deus	Ainda menina	"Não tinha padre, fazia oração pra pessoa, ela melhorava"	Depen da fé orador
B.6	Bahia	80 anos	Não estudou	Católica	Nossa Senhora Aparecida	Aos anos já adivinhava a doença	10 Aprendeu com as pessoas mais velhas	Depen de que "tua f salvou

A primeira consideração sobre as benzedeadas é sobre sua origem. O itinerário percorrido pelas benzedeadas do município de Ivaiporã nos permite uma leitura do movimento de ocupação e migração ocorrida na história brasileira, do Estado do Paraná e do município de Ivaiporã. Verificamos que as benzedeadas de mais idade migraram para a região de Ivaiporã a partir dos estados da Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Uma delas é nascida em Jacarezinho, cidade localizada no norte pioneiro, pioneiro porque foi por onde se inicia o processo de imigração

cafeeira para o Estado do Paraná. Outra representa a colonização do Paraná sulista, pois descende de família proveniente do Estado de Santa Catarina.

A observação das origens das benzedeadas presentes em Ivaiporã deixa evidente a diversidade étnica e cultural presente no Município, representando bem aquela diversidade presente na construção da nação brasileira.

É interessante observar isso quando se olha para a diversidade religiosa e cultural das benzedeadas entrevistadas. A B.5, além de ter feito parte de um centro espírita ela recorre a Padre Cícero, ao Monge João Maria e fala da corrente dos baianos de culto afro. Esta tem como base de rezas vários livros católicos e um livro de orações da umbanda. A B.3 que afirma ser estudiosa dos santos da igreja Católica mostra com muito orgulho a imagem do Monge João Maria da guerra do Contestado como um dos santos ao qual pede a cura. O B.6 afirma que “aqui não tem remédio, lá (Bahia) tem muito remédio na serra”. Ele encomenda raízes da Bahia para “fazer remédio”. E diz que “sabe muita simpatia do nordeste”.

A intercessão do monge João Maria do Contestado que é invocado pela B.3 que o chama de São João Maria da Lapa e pela B.5 nos permite estabelecer relação com a memória do Contestado e sua liderança espiritual e ainda a perceber a relação das benzedeadas com a memória histórica. A benzedura estabelece uma relação de permanência das crenças do passado que são repassadas de geração em geração. A B.3 diz que a benzedura é uma tradição de sua família. Ela aprendeu “as ervas com o avô por parte de mãe e as orações e dizeres com seu tio que por sua vez teria aprendido com o bisavô por parte de pai”; A B.1 conta “que a avó, mãe da mãe era benzedora daquelas forte”; o B.5 diz que aprendeu com as pessoas mais velhas; a B.5 conta que sua mãe era parteira.

Quase todas (os) tiveram um antepassado benzedor (a) ou parteira e afirmam ter aprendido a fazer benzimentos ou a lidar com as ervas e raízes medicinais com os antepassados.

Em relação a B.5, ela usa rituais de origem afro invocando a Deus e aos Orixás, e diz que participava de um centro espírita. Percebe-se certo preconceito da

sociedade em relação a ela, pois não é tão procurada como as outras. Esse preconceito em relação ao ritual de origem afro é percebido até de outras benzedadeiras quando a B.3 faz questão de dizer que “não incorpora e não acredita em saravá”.

Todas as (os) benzedadeiras (os) se declaram católicas (os) e fazem questão de reforçarem sua inclusão na Igreja, pois elas se concebem cumprindo uma missão, uma vez que receberam um dom de Deus. Pode-se perceber que buscam a aquiescência da Igreja quando a B.4 diz que “os padres aceitam tranquilo e só um padre não gosta”. Como elas compreendem sua função como um dom de Deus não cobram pelo seu trabalho atendendo as pessoas gratuitamente. Apenas a B.3 cobra R\$ 10,00 por pessoa, para o custeio das velas, pois ela acende uma vela para cada pessoa que atende.

O que se constata é que as benzedadeiras têm uma grande dedicação em ajudar os outros e que não lhes sobra tempo para qualquer outra atividade. A B.3 afirma atender entre 2.000 e 3.000 pessoas por ano e que anota tudo num caderno; a B.4 diz atender de 15 a 20 pessoas por dia; a B.2 diz que “tem dia que não dá nem prá almoçá”; o B.6 conta que “vem gente de todo lado”. Essa dedicação aos outros às vezes provoca dificuldades familiares, como a B.5, cujo marido não permitia que ela atendesse as pessoas.

Três benzedadeiras têm um oratório onde fazem os benzimentos que é composto por uma grande variedade de santos que são invocados. Estes oratórios são compostos de estatuetas, imagens, velas, bíblia, livros de orações e outras simbologias que traduzem as crenças e técnicas de cada benzedadeira. A B.3 estuda os santos para saber a “especialidade” de cada um, a fim de saber qual santo invocar diante dos problemas e doenças apresentados pelas pessoas que chegam pedindo a cura. Por exemplo, para a briga de casais ela invoca a sagrada família. A B.5 tem um cômodo da casa cheio de imagens e símbolos e como ela mesma diz “lá é o canto dos baiano, aqui é padre Ciço, aqui o João Maria, Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus e outros tantos...”.

Os outros três, ou melhor, duas benzedeadas e um benzedor não têm oratório. Estas fazem as suas orações sem imagens. A B.4 faz uso de um tecido e o B.6 faz o benzimento fora de casa em baixo de um pé de laranjeira.

E falando da postura das igrejas crentes (protestantes) em relação aos benzimentos o depoimento do B.6 quando diz que até “os crentes vem aqui escondido”, o que pode evidenciar que estas não permitem que seus fiéis procurem a ajuda das benzedeadas.

Em relação ao medo das benzedeadas constatado nas entrevistas e conversas em sala de aula com os educando pode se constatar a relação do benzimento com o mal. Parece que as Igrejas Cristãs não católicas não aceitam os benzimentos e as demonizam assim como certos setores da Igreja católica. Outros ainda confundem o benzimento com espiritismo ou com macumba sem compreender o significado de cada coisa, qualificando tudo como coisa do mal, donde se depreende um grande preconceito em relação às benzedeadas e as benzeduras.

Para concluir, posso afirmar que este estudo serviu para desmistificar a imagem que tinha a respeito das benzedeadas e para compreender um pouco mais sobre o seu papel social como médicos dos pobres que elas cumpriram e continuam cumprindo em nossa sociedade brasileira, oferecendo apoio principalmente para a classe mais desfavorecida sempre na cura para os seus males físicos, psíquicos e espirituais. E espero que possa ajudar a outros a também compreender quem são esses sujeitos, ou melhor, essas mulheres, na grande maioria, e homens que com sua sensibilidade, seus saberes e seus dons se dedicam altruisticamente em favor das comunidades em que estão inseridas, desenvolvendo um trabalho de apoio físico e espiritual àquelas pessoas que as procuram tão avidamente.

Referências

CRUZ, Ana Lúcia Barbalho Da; LEANDRO, José Augusto. Doenças e práticas de cura no Brasil Colônia e Império. In. CRUZ, Ana Lúcia Barbalho Da; LEANDRO, José Augusto Tópicos temáticos em história e sociedade I. Ponta Grossa: Ed. UEPG/NUTEAD, 2009.

LAZIER, Hermógenes. Paraná: terra de todas as gentes e de muitas histórias. Francisco Beltrão: Ed. Grafit, 2003.

PARANÁ - SEED. Diretrizes Curriculares da Educação Básica – História. Curitiba: SEED, 2008.

PETRUSKI, Maura Regina. Religião e Religiosidade. In. PETRUSKI, Maura Regina. Tópicos temáticos em história e cultura. Ponta Grossa: Ed. UEPG/NUTEAD, 2010.

PETRUSKI, Maura Regina. Medicina e Religiosidade: As representações do corpo Feminino. In. SZESZ, Christiane Marques; LEITE, Renato Lopes; PETRUSKI, Maura Regina. História do Brasil I. Ponta Grossa: Ed. UEPG/NUTEAD, 2010.

PRIORE, Mary Del. Magia e Medicina na Colônia: O corpo feminino. In: História das Mulheres no Brasil. PRIORE, Mary Del (org.) BASSANEZI, Carla (Coord. de texto) 9ª Ed., 2ª reimpressão: São Paulo: Contexto, 2009.